

ADOÇÃO DE CRIANÇAS DEFICIENTES NA PERSPECTIVA DE WINNICOTT

Luciana Gomes Lima de Freitas¹

Ludmylla Ferreira Jayme²

Kelly Cristina Rodrigues da Silva Petri³

Resumo: A teoria do Amadurecimento Emocional do psicanalista e pediatra D.W. Winnicott pode desmistificar os conceitos e os preconceitos sobre a adoção de criança com deficiência ao oferecer subsídios aos pais que lidam com tais crianças. O autor realça que na medida em que a adoção remete sempre às questões do abandono, da institucionalização precoce e o consequente reflexo dessas situações vivenciadas pela criança ou adolescente, o ato de adotar deve vir antecedido de profunda reflexão e conhecimento sobre as implicações destas situações na psique de uma criança e adolescente. A partir de uma revisão bibliográfica em artigos de revista indexadas confirma-se a teoria de Winnicott de que adoções bem-sucedidas independente se as crianças são ou não deficientes deve-se ao fato de os pais assumirem que atuaram como terapeutas permanentes e que a despeito da realidade biológica, assumiram a parentalidade em todas as suas nuances, inclusive de frustração às expectativas.

Palavras-chave: Winnicott. Adoção. Crianças e adolescentes. Deficiência. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O psicanalista e psiquiatra D.W. Winnicott (2011) considera a adoção como uma prática saudável, tanto para os pais, quanto para as crianças. Ressalta, porém que a despeito da decisão ponderada e amorosa dos novos pais e expectativas parentais quanto ao futuro, haverá perturbações emocionais advindas do abandono sofrido pela criança e pelo adolescente, essas certamente influenciarão na maneira como ela será vivida pelos envolvidos, mas geralmente e com muita frequência é bem sucedida, se levada em considerações algumas questões: primeiro, muitos problemas podem ser evitados se uma criança é informada numa idade bem inicial sobre a adoção, e, reciprocamente, muitos problemas surgem da demora em dar informações.

¹ UniRV – Universidade de Rio Verde; vantuilu@yahoo.com.br

² UniRV – Universidade de Rio Verde

³ UNIFIMES-Centro Universitário de Mineiros

Segundo, o valor da estabilidade e continuidade no lar. Está é uma questão que afeta todas as crianças. (WINNICOTT, 2011)

Lares que apresentam consistência e a estabilidade são condições essenciais para a saúde de um ser humano, e isso serve para lares com filhos biológicos. O mesmo ambiente de uma criança normal criada por sua família biológica e que a tornou deprivada, poderá novamente vir a ser um ambiente bom. Certo é que a adoção de crianças com deficiência exige muita responsabilidade por parte da família adotiva, pois além de cuidados específicos em função da sua limitação, terão que ser totalmente compreendidos ao apresentarem comportamentos difíceis e disfuncionais, na medida em que em sua maioria, vivenciam a dor do desamparo ou rejeição da família biológica, em função da deficiência. (WINNICOTT, 2005).

A falta do cuidado e carinho dos pais biológicos, inevitavelmente, faz com que essas crianças tenham dificuldades em estabelecer um vínculo com a família adotiva, por isso é decisivo que os pais adotivos sejam prestativos, compreensivos e orientados, de modo especial, ao tipo de deficiência da criança, durante e depois do processo de adoção. (SILVA et al., 2016, WINNICOTT, 2005, 2011).

Deste modo é necessária uma intensa adaptação por parte dos pais para com os filhos adotivos, ainda mais quando a criança apresenta alguma deficiência ou doença crônica. Sabe-se que são pouco procuradas pelos pretendentes à adoção, pois a maioria, opta por crianças que não apresentem diferença física entre eles e sobretudo não tenham doenças e deficiências.

Se em pais biológicos inúmeros são os conflitos, que emergem da relação entre os pais e a criança com deficiência, pelas dificuldades em reconhecer seus traços, reconhecendo-o como indivíduo estranho as suas expectativas de futuro e legado. A condição física do filho indica para a inviabilidade de novos momentos e conquistas sublimadas no filho Assim, o distanciamento entre a deficiência e a adoção geralmente são constituintes de preconceitos e estereótipos, que se manifestam pela ação das fantasias, as quais, ao terem a oportunidade de ser elaboradas, tornam possível a aproximação desses fatores. (JERUSALINSKY, 2019)

Deste modo, as características de pais que frequentemente adotam crianças com deficiência são: indivíduos que mantêm experiências com pessoas deficientes no convívio diário ou apresentam deficiência; são efetivos no cuidado e criação dos filhos, além de estabelecerem isso como prioridade de vida; não possuem um nível educacional requintado, por opção, em sua maioria.

Apresentam também engajamento na defesa de direitos dos deficientes, não só em função dos filhos; são especialmente determinados em ajudar seus filhos a progredirem, porque se satisfazem com cada avanço do seu filho, mesmo que ínfimo para maioria, e sobretudo recebem apoio dos familiares e amigos em função da adoção. (ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et.al., 2012; MOZZI, Gisele De et.al., 2016).

Todos esses dados são confirmados por Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2012), a partir de entrevistas feitas com pais biológicos e adotivos sobre a experiência de criar filhos com deficiências, ressaltando que limitação do filho não causa nenhum tipo de empecilho no desempenho de sua parentalidade, pelo contrário reforça o seu dever, cuidado e amor.

METODOLOGIA

Foram selecionados artigos publicados entre 2010 e 2018, optou-se pela busca por termos livres, sem o uso de vocabulário controlado (descritores). Com essa estratégia, houve uma recuperação de um número maior de referências, garantindo a detecção da maioria dos trabalhos publicados dentro dos critérios pré-estabelecidos. Os termos Psicanálise, Winnicott, Adoção, Crianças e adolescentes, Deficientes, todos combinados com as associações e desfechos de interesse

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que as experiências descritas pela família adotantes, em sua maioria, evidenciaram que o que realmente determina a diferença da parentalidade adotiva de crianças e adolescentes deficientes se resume ao cuidado específico de cada situação, e o que a deficiência podem demandar de seus pais e mães, além de gastos diferenciados de recursos financeiros, tempo, tecnologias assistivas, acompanhamento com profissionais de saúde específicos entre outros. Assim, a deficiência em si, nem sempre implica em uma diferenciação de cuidados. Os motivos que levaram a adoção de crianças e adolescentes deficientes foi o desejo de adotar, de cuidar de alguém como filho, de deixar um legado, a vontade de exercer a

maternidade/paternidade. Evidenciou-se que a adoção de crianças deficientes não difere das demais famílias adotantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria psicanalítica de D.W. Winnicott compreende que a adoção de crianças e adolescentes funciona como um tratamento que pode durar a vida inteira, feita prioritariamente pelos pais, que devem estar preparados para o ato. Indiferentemente, se o adotado é ou não deficiente os pais adotivos devem fornecer um ambiente confiável, que possibilita cuidados especiais, não somente nas exigências da deficiência, mas que não ignoram traumas anteriormente vividos por ela, referente ao abandono e rejeição e condição emocional pode nunca se recuperar.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Célia Maria Souto Maior de Souza; SANTOS, Carina Pessoa; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. A adoção de crianças com necessidades especiais na perspectiva dos pais adotivos. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 19, n. 44, p. 303-311, Dec.2009. Acesso em 11 Jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000300004>.

GOMES, Kátia. A adoção à luz da teoria winnicottiana. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 mar. 2019.

JERUSALINSKY, Alfredo et al. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, 4. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

MOZZI, Gisele De; NUERNBERG, Adriano Henrique. Adoption of children with disabilities: a study with adoptive parents. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 26, n. 63, p. 101-109, 2016.

OTUKA, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (1), 55-63. P

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. Acolhimento de crianças e adolescentes em situações de abandono, violência e rupturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2012. p. 390-399. Disponível em: Acesso em: 11 mai. 2018.

SILVA, Fabíola Helena Oliveira Brandão da; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves;

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Pretendentes à adoção de crianças no Brasil: um estudo documental. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 67-80, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702016000200006&lng=pt&nrm=iso> acesso em 11 mai. 2018.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*, São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. Pensando sobre crianças (M. A. V. Veronese, Trad., pp. 131-140). São Paulo: Artmed, 2005.